

O Centro de Tradição Gaúcha (CTG) como espaço de desenvolvimento da Educação não formal

Gaúcho Tradition Center (CTG) as a place for the development of non-formal education

Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen^{1*}, Emiliana Valler Rubert¹, Carla Heloísa Schwarzer¹, Mélani da Silva¹, Simone Beatriz Reckziegel Henckes¹

RESUMO

A Educação não formal caracteriza-se pela intencionalidade do aprendizado, interação para aquisição dos conhecimentos, educação para a cidadania e para a manifestação das diferenças culturais. Busca desenvolver habilidades e capacidades dos sujeitos como cidadãos da sociedade, de forma reflexiva, com respeito ao outro e valorização da bagagem prévia de conhecimentos. Neste contexto, inserem-se os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), característicos da região Sul do Brasil. Eles são espaços que mostram as manifestações culturais dos gaúchos e folclore como foi codificada e registrada por folcloristas. Neles objetiva-se disseminar a cultura gaúcha através de danças, eventos e diferentes atividades coletivas. O presente estudo busca problematizar como a educação não formal ocorre em CTGs. Apresenta caráter descritivo e abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com membros de um CTG do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Analisando os dados obtidos, foi possível inferir-se que a Educação não formal pode ser desenvolvida no CTG, pois aprende-se com o outro pela interação coletiva, norteando-se pela intencionalidade de aprender e conhecer mais, principalmente sobre a cultura gaúcha.

Palavras-chave: Tradicionalismo; Cultura Gaúcha; Espaço não formal de ensino.

ABSTRACT

Non-formal education is characterized by the intention of learning, interaction for the acquisition of knowledge, education for citizenship and for the manifestation of cultural differences. It seeks to develop the subjects' abilities and capacities as citizens of society, in a reflective way, with respect for the other and appreciation of the previous baggage of knowledge. In this context, the Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) are included, characteristic of the southern region of Brazil. They are spaces that show the cultural manifestations of the gauchos and folklore as it was codified and recorded by folklorists. They aim to disseminate the gaucho culture through dances, events and different collective activities. The present study seeks to problematize how non-formal education occurs in CTGs. It has a descriptive character and a qualitative approach, using semi-structured interviews with members of a CTG in the interior of the State of Rio Grande do Sul. Analyzing the data obtained, it was possible to infer that non-formal education can be developed at the CTG, as one learns from others through collective interaction, guided by the intention of learning and knowing more, especially about the gaucho culture.

Keywords: Traditionalism; Gaucho Culture; Non-formal teaching space.

¹ Universidade do Vale do Taquari - Univates.

*E-mail: aaguim@univates.br

INTRODUÇÃO

A Educação não formal refere-se a “toda a atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (LABELLE, 1986, p. 2). Esta educação é difusa, menos hierárquica e menos burocrática que a formal. Não precisa seguir um sistema sequencial e hierárquico de ‘progressão’ (GADOTTI, 2005). Segundo Gohn (2006a), a educação não formal busca a educação para a cidadania: para a justiça social, liberdade, igualdade e democracia, pelo exercício da cultura e para a manifestação das diferenças culturais.

Neste contexto, inserem-se os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Estes, são considerados como um espaço de culto ao tradicionalismo, o qual é um movimento cultural iniciado em Porto Alegre, no ano de 1948, com a criação do CTG 35. O tradicionalismo surgiu como uma reação à entrada da cultura norte-americana e seus produtos no Rio Grande do Sul, principalmente após a ascensão dos Estados Unidos no pós-guerra. Inicialmente houve a criação de espaços e momentos específicos para o culto das tradições gaúchas em um cenário urbano, recriando o gaúcho nas suas vestes, habitat, trabalho, alimentação, lazer. O tradicionalismo é um espaço que preserva valores do passado dos gaúchos, como a honra, a família, a honestidade, a palavra dada como empenhada, retratadas ao mencionar falas de heróis e nas cores dos lenços, visando estabelecer uma continuidade com antepassados ilustres (BRUM, 2009).

Nos eventos promovidos e no cotidiano das atividades dos CTGs “ocorre a vivência dos jovens tradicionalistas, o que pode ser caracterizado como um processo educacional que leva ao desenvolvimento de atividades tradicionalistas e produção de uma série de representações do ser tradicionalista” (BRUM, 2009, p. 787), isto objetiva afirmar as identidades grupais, mediante a inserção individual de seus membros no universo gaúcho (BRUM, 2009).

De acordo com Brandão (2002), a educação está inserida no âmbito da cultura, não se restringindo apenas à escolarização. Desta forma, o tradicionalismo como movimento cultural organizado possui dimensões educacionais perceptíveis nas suas representações, como no caso da produção da arte tradicionalista presente no cotidiano dos CTGs. Estes podem ser considerados espaços educacionais que objetivam sua reprodução e sua perpetuação como movimento cultural. A educação, nesse caso, se

inscreve no aprendizado de identidades culturais de um grupo. Mas inscreve-se também como norteadora de identidades individuais (BRUM, 2008).

Com base no exposto, apresenta-se o presente estudo, almejando problematizar como tem ocorrido o processo de educação não formal dos participantes de um Centro de Tradição Gaúcha (CTG) do interior do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação não formal é um conceito que está em construção e consolidação dentro do âmbito da Educação, cujo objetivo é solidificá-lo enquanto suas características e possibilidades, e não em oposição à Educação formal (GOHN, 2014). Gohn (2006a), como uma das referências em pesquisas nesta área, considera que a Educação não formal possibilita aprendizagens e realização de atividades cujos objetivos vão para além da aquisição de conhecimentos científicos ou acadêmicos, mas com intuito de desenvolver habilidades e capacidades dos sujeitos como cidadãos de uma sociedade. A Educação não formal permite aos sujeitos refletirem sobre o mundo que está ao seu redor, aproximando com as realidades de cada um e de seus pontos de vista, estabelecendo o respeito mútuo a partir da experiência e trajetória de vida (GOHN, 2006a; b).

A Educação formal tem as escolas como espaço de ensino e aprendizagem e instituição proponente das atividades, tendo uma relação hierárquica distinta estabelecida entre professor e aluno: sendo os professores os educadores, e os estudantes aqueles que usufruem dos aprendizados, estruturada em currículo e tempo previamente organizados (GADOTTI, 2005; GOHN, 2006a; MARANDINO, 2017). Já a Educação informal refere a situações vividas entre amigos e família, no lazer ou no trabalho, cujo fator que a distingue das outras formas de Educação é a espontaneidade e a socialização para aprendizagens, não havendo qualquer estrutura ou hierarquia (GOHN, 2006a).

Em contrapartida, de acordo com Gomes et al. (2010) a educação não-formal pode ser desenvolvida fora dos muros escolares, e pode ser ampliada inclusive para instituições cujas práticas educativas visam público heterogêneo, tendo a interação entre os colegas e com o meio uma potencialidade nas atividades educativas. Tendo em vista a observação do autor sobre a educação não formal, é possível perceber pontos que integram a aprendizagem científica com os conhecimentos prévios do sujeito.

Gohn (2006a) caracteriza a Educação não formal em suas várias dimensões, entre elas os campos de desenvolvimento, o educador, o local em que se realiza, como se educa,

quais são os objetivos e atributos, e quais resultados esperados. Gohn (2006a) e Gadotti (2005) relatam que a Educação não formal pode ser empreendida tanto nas escolas quanto fora dela, tendo o seu diferencial a possibilidade de aprendizado por meio da troca de experiência e interação entre os sujeitos, especialmente quando estão no coletivo. Gohn (2006a) ressalta a importância da intencionalidade como elemento fundamental de diferenciação de outros modos de educação, ou seja, a educação não formal configura-se em práticas educativas com a intenção do aprendizado na troca de saberes entre os sujeitos educandos, tanto em situações individuais quanto em grupos, sendo uma construção alcançada em conjunto.

Gohn (2006a) destaca a relevância da educação não formal como processo de conquista da cidadania dos sujeitos, não sendo restrita a determinada faixa etária ou classe social, como também não possui limitação de conteúdo. A autora traz como resultados esperados da Educação não formal a capacidade dos sujeitos em refletir sobre o mundo que os rodeia, da possibilidade da crítica e interpretação, assim como “construir cidadãos éticos, ativos, participativos, com responsabilidade diante do outro e preocupados com o universal” (GOHN, 2006a, p. 1).

Gadotti (2005) associa o desenvolvimento da cidadania através das experiências vivenciadas na Educação não formal, com a aquisição de autonomia e o incentivo à criatividade nos sujeitos. O autor salienta que o tempo de aprendizagem é consideravelmente mais flexível e respeita as condições e capacidades de cada um, favorecido pela característica não burocrática e não hierárquica da Educação não formal.

A Educação não formal, conforme destaca Gohn (2014) e já abordado acima, é inserida em situações de aprendizagem desenvolvidas principalmente no coletivo, em que os sujeitos alocados em grupos realizam trocas de conhecimento significativas para a construção da cidadania. Além disso, a interação em grupo promove aos estudantes ressignificar os conteúdos, ao trazer a bagagem de experiência, compartilhá-la e perceber as diferenças entre as culturas e produzir novos conhecimentos.

Ainda, Gohn (2014) salienta a importância do elemento de intencionalidade no processo de aprendizagem pela Educação não formal. Caracteriza-se pela vontade de aprender determinado conteúdo e analisam meios para alcançar tal objetivo, no coletivo ou individual, ou seja, não é uma aprendizagem espontânea ou natural. Não se assemelha aos processos de aprendizagem encontrados nas escolas ou Instituições de Ensino, mas são práticas educativas cujas experiências podem ser sistematizadas em eixos temáticos.

Neste contexto, inserem-se os CTGs, o qual é uma das diversas formas de tradicionalismo presentes no Rio Grande do Sul/Brasil. A entidade surgiu através da busca de livros e materiais sobre a cultura gaúcha, promovendo as danças tradicionalistas, além de atividades campeiras. Buscando desta forma, a formação de grupos que possuíam a ideia de vivenciar, fortalecer e passar a cultura do sul do país para as novas gerações.

Nas atividades dos CTGs busca-se salientar as particularidades presentes dentro da cultura do sul do Brasil. O tradicionalismo gaúcho adquirido através das diversas etnias constituiu-se como cultura origem para o que viria a ser essencial na construção da identidade própria do gaúcho, como um ser livre, nativista e que cultua a terra e a pecuária e que transformou a vida campeira em uma característica marcante de sua vida rotineira (BRUM, 2009). De acordo com este autor, a diferença do gauchismo para outras regiões está no fato de buscarem expandir e mostrar através de manifestações culturais e de representar a tradição por meio de ato, a imagem do gaúcho e do modo de vida, de se expressar. Ou seja, são “práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado atualizado no presente” (BRUM, 2009, p. 777).

Trazer para o momento atual a história glorificada do gauchismo, segundo Brum (2009), mostra-se importante por promover a identificação entre os sujeitos do que é ser gaúcho, cultuando as tradições campeiras com elementos do simbolismo próprio do gauchismo. Estes elementos são as danças, poesias, utilização dos trajes (a pilcha, o vestido de prenda), o lazer, o trabalho, a língua e a mentalidade, por exemplo. Ainda nessa linha, outros elementos simbólicos cultuados no gauchismo dizem respeito ao modo de ‘ser’ e os valores, “como a honra, a família, a honestidade, a palavra dada como empenhada, retratadas ao mencionar falas de heróis e nas cores dos lenços, visando estabelecer continuidade com antepassados ilustres” (BRUM, 2009, p. 781).

No entanto, é necessário compreender a origem das danças tradicionalistas gaúchas para que se obtenha maior entendimento de como isso interfere positivamente na vida de diversos praticantes das danças tradicionalistas. De acordo com Stefanski (2018), reconhecendo a dança gaúcha como fonte de conhecimento, o que se problematiza é que essa prática advinda da cultura rio-grandense pode ser cultuada e levada para lugares e espaços variados, que também ofereçam abertura para tal conhecimento. Para tanto, é necessário compreender as danças gaúchas como forma de expressão cultural, mas também de aprendizado, nas questões sócio afetivas, e na conscientização corporal, conforme exposto no seguinte texto:

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por um grande crescimento das coisas ligadas ao Rio Grande do Sul com a disseminação de Centros de Tradições Gaúchas em todo o estado, em outros estados e países para onde migraram gaúchos, surgimento de vários festivais de música nativista, rodeios, programas de televisão e rádio, colunas de jornais, livros e editoras especializadas, restaurantes e etc. Trata-se de um mercado de bens simbólicos e materiais que movimenta um grande número de pessoas e está em expansão (OLIVEN, 2006, p.12).

De acordo com Howes Neto (2009) a vontade de exaltar esse tradicionalismo era maior, e em 1868 inspirado nos moldes positivistas da cultura europeia foi criada a Sociedade Parthenon Litterário, que tinha como objetivo exaltar a temática gaúcha, com um viés reflexivo, principalmente sobre questões sociais e políticas, serviu aos interesses de republicanos e abolicionistas, que forjaram a partir disso a imagem de um gaúcho pacato, resignado e servil aos interesses do governo central. Por conta disso, a associação que por muito tempo foi palco de disputas políticas e divergências internas, durou pouco tempo. Às vésperas da revolução de 1893, a sociedade literária deixou de funcionar, extinguindo-se em 1895.

Somente anos após, surge um movimento em direção a uma agremiação, com fins tradicionalistas. O iniciador desse movimento foi João Cezimbra Jacques, que revelou seu talento através de livros, e obras sobre os costumes do Rio Grande Do Sul. Movido pelo sentimento de propagar os costumes e tradições gaúchas, fundou em 25 de maio de 1898 o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, marcando desta forma, um movimento que se espalharia por todo o Estado, considerado como a primeira fase do tradicionalismo (HOWES NETO, 2009).

O marco inicial do tradicionalismo gaúcho, como conhecemos nos dias atuais, ocorreu no dia 5 de setembro de 1947, quando Barbosa Lessa reuniu oito cavaleiros pilchados, na praça da Alfândega em Porto Alegre/RS. Ali, esperavam o jipe do exército que trazia os restos mortais do General Davi Canabarro, desde a cidade de Santana do Livramento, na Fronteira com o Uruguai, até o cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre/RS. Tal marco aconteceu devido aos festejos da Semana da Pátria, sendo que os oito jovens organizaram uma “guarda de honra” aos restos mortais do “herói farroupilha”(OLIVEN, 2006).

Esse grupo, no mesmo ano de 1947, organizou o “Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de

Castilhos” e organizaram a primeira “Ronda Gaúcha” ou “Ronda Crioula”, que se estendeu desde o dia 7 até o dia 20 de setembro. Nessa ocasião, procuraram a Liga de Defesa Nacional, na pessoa do Major Darcy Vignolli (responsável pela organização das festividades da Semana da Pátria), de quem receberam autorização para tomar uma centelha do Fogo Simbólico da Pira da Pátria, antes que essa fosse extinta, ao fim dos festejos, e a levaram para o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde ascenderam, pela primeira vez a “Chama Crioula” (OLIVEN, 1992, p. 74).

De acordo com Howes Neto (2009) em abril de 1948, na Rua Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre/RS, foi criado o primeiro CTG (Centro de Tradições Gaúchas) do Rio Grande do Sul: o ‘35’ CTG. Embora a primeira reunião formal tenha acontecido em janeiro do mesmo ano, foi só em abril que o grupo chegou a um acordo. Paixão Cortes foi denominado “Patrão de Honra” e Glaucus Saraiva foi denominado “Patrão”. Barbosa Lessa foi denominado “Capataz” e encarregou-se da divulgação. O nome escolhido, ‘35 CTG’, faz uma dupla alusão ao movimento tradicionalista, pois o dia 20 de setembro de 1835 é um marco na Revolução Farroupilha. Assim como o número 35 corresponde a quantidade de jovens que formou o primeiro centro de tradições gaúchas da história. Analisando o contexto acima, observa-se o quanto o CTG é um local profícuo para os processos de ensino e de aprendizagem, sendo problematizado neste estudo, como um ambiente para a Educação não formal dos seus participantes/membros.

CAMINHOS PERCORRIDOS NESTE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois através de análise minuciosa e da descrição do fenômeno, o problema de pesquisa pode ser resolvido e com isso elucidadas novas práticas. Possui abordagem qualitativa, já que se refere a uma pesquisa empírica com seres humanos, cujo intuito é investigar as características, pensamentos, opiniões de sujeitos inseridos no contexto do CTG (MOREIRA; CALEFFE, 2008). O cenário da pesquisa foi um CTG, localizado em um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente, os patronos do CTG foram contatados e autorizaram formalmente a realização da pesquisa vinculada a esta proposta, por meio da assinatura de uma Carta de Anuência.

Quanto aos participantes da investigação, foram convidados membros do CTG de diferentes faixas etárias, desde crianças, adolescentes, adultos e terceira idade, com tempo aproximado de vivência nos ambientes do CTG. Eles foram contatados e aqueles que

apresentaram disponibilidade e interesse em participar deste estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitando participar das atividades propostas na presente pesquisa. Foi solicitado às famílias/representantes legais dos menores de idade, através do Termo de Consentimento (TC), a autorização para a participação dos menores no estudo.

Quanto ao instrumento para a geração dos dados, a pesquisa fez uso de entrevistas semiestruturadas, pois foram elaboradas previamente questões importantes para alcançar o objetivo da presente pesquisa, havendo também a possibilidade de fazer perguntas caso surdissem no momento da entrevista (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Os participantes do CTG (duas crianças, dois adolescentes, oito adultos e dois membros da terceira idade) foram contatados e agendadas as entrevistas individuais, estas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas por meio de aproximações da “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (2016).

A entrevista foi composta por questões abertas e fechadas, discorrendo sobre a vivência dos participantes do CTG em todas as suas potencialidades. As perguntas basearam-se também na experiência dos membros em sua vivência nas atividades realizadas no CTG, buscando saber quais as suas percepções sobre o ambiente do CTG; de que forma é possível aprender no CTG, onde, com quem e como se aprende. Os questionamentos buscavam principalmente inferências sobre como o processo de educação não formal ocorre para os participantes neste ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise das respostas das entrevistas foi possível elaborar categorias relacionadas às Dimensões de Aprendizado no Gauchismo: ‘Processos Educacionais no contexto do CTG’ e ‘Construção de Valores, Satisfação e Benefícios’. Ou seja, a partir da análise das respostas dos 14 entrevistados ficou evidente a importância que o CTG tem na vida deles, ampliando os aspectos cultural, histórico, tradicionalista e abarcando também o processo de aprendizado inserido nas vivências do cotidiano, buscando compreender como se desenvolve a Educação Não Formal no CTG. A categoria: “Processos Educacionais no contexto do CTG” refere-se à percepção dos entrevistados sobre como ocorre o aprendizado, características do local que os participantes do CTG

percebem que há aprendizado, e quem são as pessoas que propiciam o aprendizado dentro do CTG. Já a categoria: “Construção de valores, satisfação e benefícios” diz respeito ao que, segundo os entrevistados, faz mais sentido em estar participando (e continuar) do CTG, o que mais apreciam e quais são os benefícios de estar presente no CTG.

Processos Educacionais no contexto do CTG

O CTG é um ambiente que acolhe pessoas de diversas faixas etárias, sendo um “espaço plural” (BRUM, 2009, p. 781), sem distinção de etnia, raça ou cor, sendo valorizados os conhecimentos e a intenção de aprender, preservar e resgatar o modo de vida do gaúcho (BRUM, 2009), exemplificado pela fala de um membro: “o [CTG é um] espaço de convivência com pessoas de diferentes classes sociais, diferentes escolaridades, diferentes crenças que convivem e juntos crescem”. Isto vai ao encontro da Educação Não Formal, em que os sujeitos participantes formam um público heterogêneo, não havendo restrição de classe social ou faixa etária (GOHN, 2006a). Tal fato é percebido na presente pesquisa, pois foram entrevistados participantes desde crianças de 8 anos, jovens de 17 anos, adultos de 41 anos e membros da terceira idade com 72 anos, e todos exercem uma função dentro do CTG, seja como coordenador, vice-patrão, professor, instrutor, dançarino, prenda, peão, sócia, declamadora.

Na fala dos participantes, o aprendizado é estabelecido em conjunto, com os colegas, instrutores, com as pessoas mais experientes, aproximando-se com a característica de aprendizado no coletivo e com/a partir da interação que propõe a Educação não formal (GOHN, 2014). O processo educacional dos valores, regramentos e elementos simbólicos que caracterizam a cultura tradicionalista como dedicação de representar o gauchismo enquanto identidade regional, para que os sujeitos participantes identifiquem-se com as características (BRUM, 2009; 2013a,b), traduzido pela fala “[O CTG é] onde se encontra pessoas buscando o mesmo que eu”. Esse processo educacional ocorre em grupos, no contato com os colegas que também participam das atividades oferecidas pelo CTG, corroborando com o que Gohn (2014) destaca ser uma potencialidade da Educação Não formal: a troca de conhecimento entre pares e no coletivo, como uma forma de compartilhamento de informações, valorizando o que já sabe e construindo em conjunto novos conhecimentos.

Além disso, a maioria dos participantes entrevistados apresenta a ideia de que no CTG se aprende na vivência, na experiência, no ato de dançar, de conversar, como

aparece nas seguintes falas “nós aprendemos escutando e fazendo” e “[se aprende] com o convívio, interação, participando e fazendo parte, cada um aprende conforme o interesse”. O aprendizado a partir da experiência, colocando em prática o que sabe configura como um dos princípios do gauchismo enquanto manifestação do tradicionalismo, isto é, objetiva-se reproduzir por meio das danças, dos eventos, da vivência diária no CTG, os valores, a cultura do que é ser gaúcho, os costumes e a tradição (BRUM, 2009; 2013a).

O interesse no objeto de aprendizado demonstra o caráter de intencionalidade no processo educativo, como é determinado pela Educação Não formal, torna-se o motor das atividades educativas, e é conceituado pela vontade de aprender, de encontrar meios para adquirir o conhecimento na interação entre os sujeitos, e alcançar os objetivos propostos (GOHN, 2014). Efetiva-se no seio do CTG, uma vez que há a intenção por parte dos coordenadores, instrutores e demais membros superiores do CTG, de produzir aprendizado entre os participantes, por meio dos cursos, nos ensaios, objetivando a formação dos jovens tradicionalistas, e a disseminação da cultura do tradicionalismo gaúcho através das apresentações de dança em eventos (BRUM, 2009, 2013b). Essa questão é exemplificada pela fala dos entrevistados os quais dizem que “conhecer a cultura gaúcha e cultivá-la, mantendo a ética e construindo em grupo é também o que representa ser gaúcho”.

Aliado à questão da intencionalidade, percebe-se na fala dos participantes que não há um espaço definido onde ocorra o processo educativo, como transparece na fala “não tem lugar [definido], o CTG é uma sociedade, é nesse meio que se aprende” e também “[...] aprende-se vendo até vídeo na internet, qualquer lugar é lugar de aprender CTG”, ou eventos, reuniões, palestras. Brum (2008) corrobora com a opinião dos participantes, afirmando que o território de formação de jovens tradicionalistas pode ser tanto dentro quanto fora do CTG ou espaços reconhecidos como tradicionalistas, ampliando a atuação para inclusive as escolas e universidades. A flexibilidade em relação ao ambiente em que podem ocorrer os processos educativos também faz parte do viés da Educação Não Formal, que segundo Gohn (2006a) e Gadotti (2005), a importância não é apenas o espaço onde se realizam as atividades pedagógicas, mas a qualidade, a interação e a construção do conhecimento e da cidadania.

A fala dos entrevistados perpassa um viés de hierarquia da transmissão cultural do gauchismo como manifestação do tradicionalismo, pois quando questionados com

quem aprendem, remeteram-se às figuras do professor, instrutor, coordenador, e pessoas “mais velhas ou com mais experiência”. Tal fato distancia-se da Educação Não Formal, pois para Gohn (2006a; 2014) não há hierarquia entre os sujeitos no processo de aprendizado, os sujeitos aprendem uns com os outros, sem distinção de figura que transmite o conhecimento e aquele que o recebe. Contudo, alguns membros referem que o aprendizado ocorre em conjunto, com o outro, com quem demonstrar interesse de buscar o conhecimento, independente da hierarquia.

Construção de valores, satisfação e benefícios

Como já mencionado anteriormente, o gauchismo é um movimento cultural cujos objetivos principais são a transmissão de valores culturais, o resgate histórico e as características que compõe o que é ser gaúcho, através de elementos do simbolismo, dos eventos, reuniões, encontros, dança e recriar no presente estes princípios (BRUM, 2009). Além disso, este autor destaca que o gauchismo também visa preservar os valores do passado tais como o respeito, “a honra, a família, a honestidade, a palavra dada como empenhada” (p. 781) como a tradição do ser gaúcho. Fato que se repetiu nas falas dos entrevistados, principalmente o ensinamento e a valorização do respeito como algo que mais apreciam no cotidiano do CTG. A importância trazida pela cultura gaúcha como transmissão de valores e não apenas do conhecimento literário e científico se aproxima do que caracteriza a Educação Não Formal, pois esta tem justamente o objetivo de constituir os sujeitos enquanto seres reflexivos e críticos de uma sociedade, na construção de habilidades e potencialidades enquanto cidadãos (GOHN, 2006a; 2014).

Continuando nesta linha de pensamento, Hall (1997) defende que os sujeitos estão inseridos em uma cultura, pois a conjunção de regras, informações e sistemas dão significado para que possam decodificar, organizar e significar as coisas, produzindo sentido aos comportamentos. Quando agregados ou ligados, constituem uma cultura, pois “contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, nesse sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16). Dessa forma, é possível asseverar que o movimento do gauchismo é uma forma de manifestação cultural, pela importância concedida à formação enquanto cidadãos inseridos em uma cultura onde há regras, ética, formas de vestir-se, culinária diferenciada, de atualização do passado no presente (BRUM, 2009; 2013a).

A percepção dos entrevistados relacionada ao benefício em participar do CTG mostra este território enquanto pedagógico e proporciona vivências educacionais e culturais, justamente por fazer sentido para os sujeitos que ali participam. Para os entrevistados, faz sentido estar no CTG, pois consideram importante a preservação e o aprendizado sobre a cultura gaúcha, entendem como positivo ter a oportunidade de agregar novos conhecimentos sobre as culturas presentes no estado do Rio Grande do Sul, seja dentro do CTG ou em cursos, concursos, palestras ou campeonatos/rodeios/festivais de dança.

O CTG proporciona vivências educacionais formadoras de cidadãos de e para uma sociedade, não apenas com intuito pedagógico e educador, mas para formar cidadãos críticos, reflexivos, produtores de identidades grupais e individuais. Assim como dissemina os valores e pressupostos do tradicionalismo gaúcho como amizade, honestidade, solidariedade e família, para as vidas cotidianas e individuais dos sujeitos (BRUM, 2009; 2013a). Nesta perspectiva, pode-se pensar o CTG como espaço de Educação não formal justamente pelas ações educativas voltadas à construção de um sujeito inserido em uma sociedade (GOHN, 2014; GOMES et. al., 2010), com uma ética e moral, e com a preocupação de aprender sobre a cultura gaúcha, considerando o contexto em que vive e suas particularidades. Ainda, os participantes trazem que o CTG os auxilia no aperfeiçoamento da comunicação oral e na desinibição, ou seja, aprendizados vividos no CTG cujos efeitos são sentidos em diversos âmbitos da vida, oportunizando o desenvolvimento da cidadania e o amadurecimento pessoal (GADOTTI, 2005).

Os entrevistados afirmam que a participação no CTG favorece a “ampliação do círculo de amizades” e a identificação com outras pessoas que buscam o mesmo objetivo que eles: “a oportunidade que ele [o CTG] me dá de conhecer melhor a cultura do nosso estado”. A partir dos relatos, compreende-se a importância da identificação entre os sujeitos ao participarem de um grupo com seus objetivos em comum, considerando a sua heterogeneidade, o que dá significado e sentido às experiências vividas no CTG (BRUM, 2013a) e proporcionam a troca de conhecimento entre os sujeitos, o compartilhamento e ressignificação das vivências em grupo (GOHN, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa verificou-se que o Centro de Tradição Gaúcha (CTG) pode ser um espaço em que se desenvolve um processo educativo de acordo com o que determina a Educação Não Formal. A interação entre os membros é considerada pelos entrevistados como uma forma de aprendizado e de aquisição de novos conhecimentos, a partir da troca com o outro.

Considerando a educação não formal como acontecendo fora das normalidades e tempos da escola, atendendo a vários públicos, de diferentes faixas etárias, podemos inferir que realmente o CTG é um ambiente potente para a educação não formal de seus participantes. Observando a dinâmica que ocorre neste ambiente, percebe-se que a oralidade e a troca de experiências possuem papéis fundamentais na socialização entre as pessoas participantes.

Por meio da pesquisa foi possível perceber o entrosamento dos integrantes do CTG com os meios de aprendizagem através das diversas situações que vivenciam ao longo de sua jornada dentro do tradicionalismo gaúcho. Desde os mais jovens, passando pela fase jovial até os mais velhos, todos carregam consigo ensinamentos e aprendizados adquiridos somente dentro das paredes dos velhos galpões crioulos.

Uma coisa é fato, o ensinamento deixado através das marcas das botas empoeiradas e das sapatilhas gastas não é esquecido, é simplesmente herdado. Passado de patrão para patrão, de prenda para prenda, de peão para peão, e sempre de aprendiz para aprendiz.

O aprendizado dentro do CTG possui o caráter de intencionalidade, pois há um objetivo definido - a preservação de valores do passado, a transmissão das tradições do que representa o ser gaúcho por meio de elementos materiais e simbólicos, conhecer a cultura gaúcha, como trazido pelos membros entrevistados - e há meios para alcançar tais objetivos: os ensaios, as reuniões, a integração entre membros, os eventos, as danças. É importante o desenvolvimento de outras pesquisas que ampliem os conhecimentos sobre as práticas possíveis de serem desenvolvidas nos CTGs a partir da Educação não formal.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. SP/Portugal: Edições 70, 3a ed., 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRUM, Ceres Karam. Educar para ser gaúcho: apontamentos sobre as relações entre Movimento Tradicionalista Gaúcho e a escola. In: CUNHA, Jorge Luis da; DANI, Lúcia Salete Celich. (orgs.) **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008. p.33-60.
- BRUM, Ceres Karam. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n. 138, p.775-794, set./dez. 2009.
- BRUM, Ceres Karam. O Gauchismo e as Escolas: a diversidade cultural em questão. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 649-667, abr./jun. 2013a.
- BRUM, Ceres Karam. Em busca de um novo horizonte: o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do gauchismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 311-342, jul./dez. 2013b.
- GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Institut International des droits de l'enfant, Sin, 2005.
- GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PEDAGOGIA SOCIAL, 1, 2006, Proceedings online... Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. **Anais eletrônicos...**, 2006a. São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034 Acesso em: 15. mar. 2020.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas da escola. **Ensaio: aval. pol. públ.** Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar., 2006b.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**. Portugal, n. 1, p. 35-50, 2014.
- GOMES, Eunice Carvalho; GONZAGA, Leila Teixeira; SOUSA, Elis Regina Vasconcelos de; TERÁN, Augusto Fachin. Espaços não formais contribuições para a aprendizagem significativa: uma articulação necessária para o processo de ensino-aprendizagem. In: VI Encontro Internacional de Aprendizagem Significativa e 3o Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa. São Paulo, 2010, p. 499-508. **Anais eletrônicos...** 2010. Disponível em: https://13135bb0-bffe-07b1-7301-28b9db8bbdfb.filesusr.com/ugd/75b99d_9e5054fa6f5595f5a8b33fcfbdda52db.pdf Acesso em: 18 abr. 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. Porto Alegre. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LABELLE, Thomas J. **Nonformal Education in Latin America and the Caribbean: Stability, Reform or Revolution?** New York, Praeger. 367pp. 1986.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? Editorial, **Cien. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luis Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. Santa Maria, 2009. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/guilherme-de-bota-e-bombacha.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020.

OLIVEN, Ruben George. O Renascimento do Gauchismo. *In: Nós, os Gaúchos*. Ed. da Universidade, 1992.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

STEFANSKI, Joslaine Schon. **Preservação das Danças Gaúchas no Ambiente Escolar**. Porto Alegre, RIHGRGS, n. 155, p. 149-163, dez. de 2018.

Recebido em: 20/04/2022

Aprovado em: 21/05/2022

Publicado em: 26/05/2022